

ESPECIFICIDADES DA REDE INTERMÍDIA CONTEMPORÂNEA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUDIÊNCIA EM CONTEXTOS RETICULARES

ESPECIFICIDADES DE LA RED DEL INTERMEDIA CONTEMPORÂNEA:
CONSIDERACIONES SOBRE LA AUDIENCIA EN CONTEXTOS RETICULARES

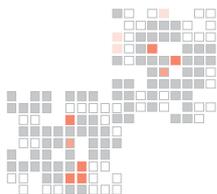
*SPECIFICITIES OF THE CONTEMPORARY INTERMEDIA NET:
CONSIDERATIONS ABOUT AUDIENCE IN RETICULAR CONTEXTS*

Geane Carvalho Alzamora

■ Possui graduação em Comunicação Social, mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica. Atualmente é professora da graduação da UFMG (Comunicação Social) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. É pesquisadora do Centro de Convergência de Novas Mídias e colaboradora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da WEB. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Semiótica e Teorias da Comunicação.

■ E-mail: geanealzamora@uol.com.br

50



RESUMO

Regida pela lógica das conexões, a rede intermídia contemporânea integra formatos tradicionais e emergentes em perspectivas diferenciadas de audiência. Antes compreendida como atributo quantitativo da recepção massificada, a noção se redimensiona para abrigar aspectos qualitativos da interlocução tecnicamente mediada, aqui relacionados à conectividade ampliada, espacialidade dispersa e temporalidade diferida. O argumento é demonstrado em três episódios intermediáticos: a) a queda do ditador egípcio Hosni Mubarak; b) as reações de *hackers* em todo o mundo contra prisão do criador do site *WikiLeaks*, Julian Assange; e c) a circulação intermediática de informações postadas no *Twitter* pelo estudante Rene Silva, morador da Comunidade do Adeus (Complexo do Alemão/Rio de Janeiro).

PALAVRAS-CHAVE: INTERMEDIA; AUDIÊNCIA; REDE.

RESUMEN

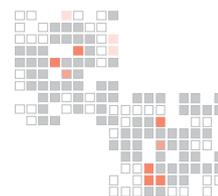
Prevalcido en la lógica de las conexiones, la red del intermedia contemporánea integra formatos tradicionales e nuevos en perspectivas distinguidas de la audiencia. Antes entendida como aspecto cuantitativo de la recepción massificada, la noción si redimensiona para abrigar los aspectos cualitativos del interlocution técnica, aquí relacionado con el conectividade extendido, el espacialidade dispersado y la temporalidad diferenciada. La discusión se demuestra en tres episodios intermediáticos: a) la caída del dictador egipcio Hosni Mubarak; b) las reacciones de hackers en el mundo entero contra la detención del creador del sitio WikiLeaks, Julian Assange; la circulación intermediatica de las informaciones postadas en el Twitter para por René Silva, estudiante y habitante de la Comunidade do Adeus (Complexo do Alemão/Rio de Janeiro).

PALABRAS CLAVE: INTERMEDIA; AUDIENCIA; RED.

ABSTRACT

Inserted in the logic of the connections, the contemporary intermedia net integrates traditional and emergent formats in differentiated perspectives of audience. Before understood as quantitative aspect of the mass reception, the notion is modified to consider qualitative aspects of the interlocution technical mediated, related here to the extended conectivity, dispersed spatiality and differed temporality. The argument is demonstrated in three intermediáticos episodes: a) the fall of the Egyptian dictator Hosni Mubarak; b) the reactions of hackers in the whole world against the arrest of the creator of the site WikiLeaks, Julian Assange; e c) the intermediática circulation of information posted in the Twitter for the student René da Silva, inhabitant of the Comunidade do Adeus (Complexo do Alemão/Rio de Janeiro).

KEYWORDS: INTERMEDIA; AUDIENCE; NETWORK.



1. Notas preliminares

23 de Março de 2011: o estudante Renê Silva dos Santos, 17 anos, morador da Comunidade do Adeus, no Complexo do Alemão, Zona Norte do Rio de Janeiro, recebeu o *Prêmio Faz Diferença*, na categoria *Magazine*, concedido pelo jornal *O Globo*, pela cobertura que ele fez da tomada do Complexo do Alemão, pela polícia, em Novembro de 2010¹. O estudante, que tinha atuação apenas local em sua comunidade, acordou celebridade no dia 29 de Novembro de 2010. Durante o final de semana seu número de seguidores no *Twitter* saltou de 180 para mais de 19 mil² e a expressão #vozda-comunidade chegou ao *Trending Topics Brasil* do *Twitter*. Há cinco anos Renê edita o jornal mensal *Voz da Comunidade*, com tiragem média de cinco mil exemplares. Mas durante a ocupação da polícia no Complexo do Alemão, que tinha por objetivo expulsar os traficantes da região, René enviou, junto com seus colegas de jornal, Igor Santos, 15 anos, e Jackson Alves, 13 anos, via *Twitter*, em tempo real, informações sobre o conflito na comunidade. Essas informações foram reproduzidas pela imprensa do mundo, como *CNN*, *BBC* e *Al Jazeera*. Desde então sua vida mudou.

11 de fevereiro de 2011: o ditador do Egito, Hosni Mubarak, 82 anos, renuncia ao poder que exerceu por mais de 30 anos após 18 dias de intensos protestos nas ruas do Cairo. O movimento foi organizado via redes sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*. Em resposta o governo egípcio forçou a empresa britânica de telefonia celular *Vodafone* a enviar mensagens de textos favoráveis à ditadura egípcia a seus clientes. A estratégia foi complementada por ações restritivas à ação livre da mídia no país.

No dia 25 de Janeiro o acesso ao *Twitter* foi proibido no Egito e no dia seguinte a rede social

Facebook foi bloqueada. Em 29 de Janeiro a rede de televisão *Al Jazeera*, emissora sediada no Qatar que com conta a maior audiência no mundo árabe, entrevistou um dos opositores ao regime de Mubarak. No dia seguinte o governo ordenou que a emissora interrompesse a transmissão no Cairo. O escritório da *Al Jazeera* foi incendiado e o diretor da sucursal, Abdel Fattah Fayed, foi preso. Uma onda de ataque a jornalistas teve início nas ruas do Cairo. Em 31 de Janeiro a *Google* criou uma forma de acesso ao *Twitter* via telefone, o que permitiu aos manifestantes continuarem usando o *Twitter* para relatar os acontecimentos, a despeito do bloqueio egípcio à Internet e dos ataques a jornalistas. O *Twitter* se tornou, então, fonte prioritária de informação sobre o Egito para jornalistas e cidadãos do mundo inteiro. Em 09 de Fevereiro de 2011 o executivo da *Google* no Egito, Wael Ghonim, 30 anos, foi aclamado como herói na Praça Tahir, no Centro do Cairo. Ele esteve 12 dias presos por causa de sua atuação online durante o protesto³.

02 de Fevereiro de 2011: o site *WikiLeaks*, que publicava documentos secretos com base no que denominava “vazamentos com princípios”, foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz. O autor da proposta, o parlamentar norueguês Snorre Valen, argumenta que o *WikiLeaks* tem promovido os direitos humanos, a democracia e a liberdade de expressão⁴. Grandes veículos de comunicação em todo o mundo publicam documentos vazados pelo *WikiLeaks*, como é o caso do jornal *Folha de S. Paulo*, no Brasil.

A indicação é polêmica porque o criador do site, o australiano Julian Assange, 39 anos, é acusado pela Suécia de estupro e assédio sexual. Ele nega as acusações e argumenta haver interesses políticos no processo. A despeito das acusações, Assange foi

1 Sobre o assunto ver <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2011/03/23/faz-diferenca-garoto-rene-silva-do-complexo-do-alemao-aplauido-de-pe-924075590.asp>. Acesso: 28. Agosto. 2011.

2 Sobre o assunto ver <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,moradores-do-alemao-acham-cedo-para-falar-em-desfecho-no-conflito,646600,0.htm>. Acesso: 28. Agosto. 2011.

3 Sobre o assunto ver <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/hosni-mubarak-renuncia-a-presidencia-do-egito>. Acesso: 28. Agosto. 2011.

4 Sobre o assunto ver <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,deputado-noruegues-indica-wikileaks-para-nobel-da-paz-de-2011,674369,0.htm>. Acesso: 28. Agosto. 2011.

o mais votado entre os candidatos a *Person of Year 2010* no site da *Times*, que incluía personalidades como Lady Gaga (3º lugar), Barack Obama (6º lugar) e Steve Jobs (7º lugar)⁵, em anúncio feito em 13 de Dezembro de 2010.

Em 07 de Dezembro de 2010 Assange se entregou à polícia britânica. O site foi tirado do ar e, no dia seguinte, em suposta onda de retaliação, *hackers* bloquearam vários endereços da Internet hostis à Assange, como os sites da promotoria sueca e da *Mastecard*, que teria bloqueado doações ao *WikiLeaks*. Embora o site *WikiLeaks* estivesse bloqueado e as tags “Wikileaks” e “Julian Assange” não aparecessem no *Trending Topics* do *Twitter* naquela semana, em ação não confirmada de censura no microblog⁶, documentos vazados pelo *WikiLeaks* continuaram a ser publicados em blogs especializados e em jornais de todo o mundo. Assange segue em prisão domiciliar, em Londres, enquanto aguarda decisão sobre recurso contra sentença de extradição para a Suécia.

Episódios como esses⁷ atestam a reconfiguração do espaço midiático na contemporaneidade, marcado pela lógica participativa e pela interconexão em rede. São relevantes, portanto, não apenas pelas singularidades sociopolíticas que os delineiam, mas por sublinharem formas reticulares de audiência em rede, relacionadas às condições de mi-

diatização dos acontecimentos contemporâneos⁸.

Nota-se que as singularidades sociopolíticas relativas a esses acontecimentos estão diretamente relacionadas à capacidade que os mesmos apresentam de se espalharem intermediaticamente, adquirindo mais notoriedade à medida que são compartilhados em rede. O compartilhamento se refere a uma forma ativa de audiência, que confere valor e adiciona conteúdo às informações que replica. Quanto mais a informação compartilhada se inscreve intermediaticamente nos

A dinâmica intermediática contemporânea não apenas configura boa parte dos acontecimentos que permeiam essa esfera da vida.

interstícios da rede, mais visibilidade alcança e mais relevância adquire na construção social da realidade. Tal como proposto por Sodré (2002), a midiatização implica uma qualificação particular da vida, uma espécie de *bios midiático*, no qual emerge uma nova forma de consciência coletiva. A dinâmica intermediática contemporânea não apenas configura boa parte dos acontecimentos que permeiam essa esfera da vida, como propaga outros tantos que nela se inscrevem.

2. Sobre a noção de rede intermídia

A especificidade da rede intermídia⁹ contemporânea tem origem no imbricamento de linguagens que constituiu o desenvolvimento das mídias de

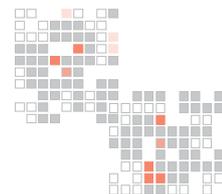
5 Sobre o assunto ver <http://newsfeed.time.com/2010/12/13/julian-assange-readers-choice-for-times-person-of-the-year-2010/>. Acesso: 28.Agosto.2011.

6 O *Twitter* se defende das acusações de censura afirmando que os *trends* são gerados automaticamente por um algoritmo que tenta identificar assuntos que estão sendo muito falados nesse momento mais que no passado. Sobre o assunto ver <http://tecnoblog.net/50588/twitter-explica-como-os-trending-topics-funcionam/>. Acesso: 14.Agosto.2011.

7 Os episódios mencionados retratam uma tendência da contemporaneidade, da qual são também exemplos a chamada “Primavera Árabe”, iniciada com os protestos via *Twitter* no Irã, em 2009, contra a reeleição do presidente Mahmoud Ahmadinejad. Após a proibição imposta à imprensa estrangeira de cobrir manifestações nas ruas, o bloqueio do sistema de mensagens de celular e a censura a diversos sites, internautas do mundo inteiro utilizaram o *Twitter* para protestar contra a reeleição de Ahmadinejad.

8 Sodré (2002, p. 21) argumenta que a sociedade contemporânea rege-se pela midiatização, ou seja, “pela tendência à ‘virtualização’ ou telerrealização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias de comunicação”.

9 Scolari (2009) usa o termo *transmedia* para designar processos de construção narrativa que utilizam diferentes linguagens e diferentes meios. Ele ressalta que termos semelhantes, como *cross media* (BECHMAN, 2006) e *intermedia* (HIGGINS, 1966) orbitam o mesmo universo semântico.



massa ao longo do século 20. Segundo Santaella (1992), as mídias de massa foram se tornando formas híbridas de linguagem e compondo uma teia de relações denominada rede intermídia¹⁰. A concepção permeia, em alguma medida, o pensamento de Marshall McLuhan, para quem “o efeito de um meio se torna mais forte e intenso justamente porque o seu ‘conteúdo’ é outro meio” (MCLUHAN, 1964, p. 33). Esse é o argumento central de seu famoso ensaio “O meio é a mensagem”.

Conforme Spielman (1995, p. 114, citado por WENZ, 2008, p. 257), a intermídia é um processo formal quando o modo de processamento de uma mídia é verificado por outra. Wenz (2008) destaca a compatibilidade e a permeabilidade como características fundamentais da intermedialidade. Por causa dessas características, segundo Wenz, na intermídia as mídias nunca estão isoladas, mas conjugadas em configurações midiáticas complexas.

Na mesma linha de raciocínio, Gómez (2006) discute a “emergência de um complexo ecossistema comunicativo” e Naughton (2006) fala em nova “ecologia midiática”. O termo, segundo ele, remete à noção biológica de meio como ambiente no qual os nutrientes se misturam e no qual organismos interagem mutuamente em um ecossistema dinâmico e integrado. Assim, o desenvolvimento da ecologia midiática pressupõe que um meio adapte-se ao outro mediante processos interacionais e intermediáticos. Nessa perspectiva, nenhum meio de comunicação pode ser considerado puro, pois a mistura é parte ao mesmo tempo autônoma e constituinte da formação de cada meio e, por conseguinte, da rede intermídia.

A questão aparece também naquilo que Weisberg chama de “ecossistema cultural e técnico”. Marcado por práticas culturais coletivas e integra-

das que se revelam nas contradições das paisagens culturais emergentes, esse ecossistema se diferencia pela pluralidade das lógicas atuais, pela diversidade das mediações e por se “tecer com, e não contra o antigo” (WEISSBERG, 2004, p. 116).

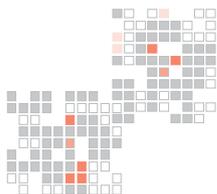
A configuração da rede intermídia contemporânea privilegia, assim, a mistura entre processos centralizados de mediação social, típicos das mídias tradicionais, e processos diversificados de mediação social, característicos da hipermídia e das mídias móveis. Essa mistura é modelada pela lógica das conexões, que integra mecanismos sociocomunicacionais típicos da lógica transmissiva, que rege a comunicação de massa, e da lógica participativa, relacionada ao compartilhamento de informações em ambientes colaborativos como blogs e redes sociais.

Com base na dinâmica de rede, a lógica das conexões privilegia o entrelaçamento e a interdependência dos fenômenos (CAPRA, 2008). O equilíbrio entre permanência e variabilidade dos ambientes integrados pelo fluxo intermediático de informações é fornecido pelo intercâmbio entre lógicas comunicacionais dissonantes, porém complementares, que articuladas na dinâmica de rede conformam a lógica das conexões. Por meio da contaminação entre lógicas comunicacionais que se engendram na lógica das conexões, processos de mediação social simultaneamente centralizados e diversificados se entrecruzam na dinâmica intermediática, ampliando a visibilidade midiática e o alcance social de acontecimentos que se desdobram em rede.

A função mediadora leva em conta “um poder originário de discriminar, de fazer distinções, logo, de um lugar simbólico, fundador de todo conhecimento” (SODRÉ, 2002, p. 21). À medida que esse “poder” se expande reticularmente, por intermédio da lógica das conexões, mais se diversificam os processos de mediação e, conseqüentemente, mais se contaminam os substratos dessas trocas, ou seja, as linguagens.

Os processos intermediáticos de mediação vin-

10 O termo intermídia foi cunhado em meados dos anos 1960 por Dick Higgins, um dos fundadores do Grupo Fluxus, para caracterizar o que ele chamava de obra intermídia, ou seja, obras de arte que se construíam na interseção de dois ou mais meios. Sobre intermídia ver também Hess-Lütch (1982).



Em perspectiva semelhante, Castells (2009) chama de intercomunicação o processo contemporâneo de um meio exercer influência em outro.

culam-se aos parâmetros de linguagem que delineiam cada ambiente sociocomunicacional. E estes se tornam cada vez mais porosos e integrados por intermédio dos fluxos de informação que agenciam¹¹. O contexto ruidoso da intermídia remete àquilo que Canclini (2004) chama de “deslizamentos interculturais”, relacionados “ao fascínio de estar em toda parte e o desassossego de não estar em nenhuma” (CANCLINI, 2004, p. 29). Em texto posterior, Canclini (2007) retoma a questão enfatizando que os processos interculturais tecnologicamente mediados interferem nas condições de produção, circulação e consumo da cultura.

Idéia semelhante permeia os estudos de Jenkins (2008), para quem a circulação integrada de conteúdos por meio de diferentes sistemas midiáticos constitui a “cultura da convergência”, considerada por ele característica marcante da contemporaneidade. Jenkins argumenta que a convergência é tanto de natureza corporativa, quando enfatiza a verticalização dos processos comunicacionais, quanto de natureza alternativa, quando presume a horizontalidade desses processos¹². Em ambas verifica-se, segundo ele, a dispersão dos meios e a conexão dos conteúdos.

A horizontalidade dos processos comunicacio-

11 Toma-se aqui a noção de agenciamento sociotécnico proposta por Deleuze e Guattari (2004), segundo a qual um agenciamento é sempre uma multiplicidade de linhas de articulação e de fuga interligadas.

12 A verticalização parece ser uma tendência perceptível até mesmo em ambientes tipicamente horizontais, como o *Twitter*. Pesquisa recente realizada pelo *Yahoo Research* revela que metade dos *tuites* consumidos pelos usuários do *Twitter* são produzidos por 20 mil usuários, ou 0,05% do total. A pesquisa apontou ainda que usuários da chamada elite do *Twitter*, formada por celebridades, blogueiros, mídia e representantes de organizações, tendem a seguir outros usuários da elite. Sobre o assunto ver <http://idgnow.uol.com.br/internet/2011/03/29/metade-dos-tuites-relevantes-vem-de-0-05-dos-tuiteiros-aponta-pesquisa/>. Acesso: 23.Agosto.2011.

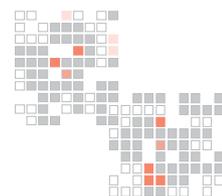
nais se desenvolve mediante o conceito de *produsage* (BRUNS, 2008), ou seja, processo de produção e consumo colaborativo de informação em ambientes de conhecimento compartilhado. De acordo com Bruns, esse processo, que se baseia na lógica participativa típica das redes sociais, caracteriza a convergência nos moldes propostos por Jenkins.

Em perspectiva semelhante, Castells (2009) chama de *intercomunicação* o processo contemporâneo de um meio exercer influência em outro. Esse processo está fundado naquilo que ele define como *mass self communication*, uma forma de comunicação de massa produzida, recebida e experienciada individualmente, via internet acoplada aos dispositivos contemporâneos de comunicação.

A noção de *mass self communication* parece bastante apropriada para designar a dinâmica intermediária contemporânea, pois esta leva em conta a proliferação cada vez mais intensa de registros midiáticos de informações livremente produzidas e livremente compartilhadas. Por intermédio de dispositivos móveis de comunicação e de formatos colaborativos, como blogs, wikis e redes sociais, essas informações circulam intermediariamente e, não raro, alcançam visibilidade em meios tradicionais de comunicação devido à audiência que alcançam nos formatos colaborativos.

3. Sobre a noção de audiência

Audiência é um conceito presente nos estudos comunicacionais desde, pelo menos, o período entre as duas guerras mundiais, no qual a Teoria Hipodérmica era um modelo hegemônico, interessado em descobrir quais efeitos os mass media tinham numa sociedade de massa (WOLF, 1987). Naquele período várias pesquisas se dedicaram a compreender o comportamento das audiências e



a desenvolver técnicas de persuasão que melhorassem os efeitos esperados das mensagens, sobretudo políticas.

Conforme o enfoque transmissionista, legitimado pelo modelo de Shannon-Weaver (1949, citado por Wolf, 2003), a audiência é um atributo quantitativo da recepção: quanto maior o repertório de uma mensagem, menor será sua audiência e vice-versa. Esse enfoque foi sendo aos poucos questionado por modelos que buscavam colocar ênfase no papel ativo da recepção. São ilustrativos dessa tendência modelos que alteram, pela diversidade funcional, a idéia de comunicação como processo hegemônico de transmissão de informações (JAKOBSON, 1973), que substituem a idéia de comunicação como transferência de informação por transformação de um sistema em outro, mediante a idéia de código (ECO; FABRI, 1978, citado por ECO, 2004) ou que buscam enfatizar o contexto das práticas sociais e dos sentidos produzidos no âmbito da assimetria entre codificação e decodificação (HALL, 1980¹³).

Mais recentemente, Braga (2006) sugeriu que a abrangência dos processos midiáticos contemporâneos não se esgotaria nos subsistemas de produção e de recepção, o que o levou a propor um terceiro sistema relacionado à circulação diferida e difusa das mensagens midiáticas. Trata-se, segundo ele, do sistema de resposta social, o qual se refere ao modo como a sociedade utiliza diversos dispositivos para efetuar a circulação comentada daquilo que o sistema produtivo oferece ao sistema de recepção.

Esse enfoque permite pensar a audiência também no âmbito da circulação, como forma de resposta social, em vez de pensá-la somente como atributo quantitativo da recepção. Porém, não leva em conta a possibilidade de a audiência se tornar também atributo da produção e, desse modo, desconsidera

aspectos relevantes da midiaticização contemporânea, tal como a noção de *produsage*, defendida por Bruns (2008).

4. Características da audiência intermediária

As lógicas comunicacionais que co-habitam na rede intermediária contemporânea relacionam-se a perspectivas diferenciadas de mediação social e, por conseguinte, a contextos diversificados de audiência. No *YouTube*, por exemplo, a relevância da audiência fica explícita na *homepage*, que destaca os vídeos mais acessados e aqueles que estão sendo visto no momento. Já no *Twitter* a noção de audiência configura o ambiente na perspectiva de contagem de seguidores isolados e de *retweets*, recurso que replica informações entre seguidores, assim como na perspectiva *Trending Topics*, recurso que destaca os assuntos mais comentados na semana. O *Facebook* contabiliza a audiência pela quantidade de amigos e de comentários relacionados.

Como esses ambientes se interconectam em rede, a audiência intermediária passa a se aproximar mais da noção de *mass self communication* defendida por Castells (2009) que dos princípios consolidados pela *Mass Communication Research*, onde foi gestada. Em comum a perspectiva quantitativa, mas para além de ser um mero atributo da recepção, a audiência intermediária pode também se tornar atributo da *produsage*. A lógica do compartilhamento em rede é também levada em conta na configuração contemporânea da audiência intermediária, não mais apenas da oferta massificada.

Se nas mídias de massa a audiência deriva prioritariamente de estratégias mercadológicas fundadas em centros privilegiados de emissão, nas mídias sociais a audiência deriva predominantemente da diversificação das mediações sociais, do compartilhamento e da apropriação social de informações. É certo, porém, que novos centros se formam provisoriamente na rede contemporânea que integra mídias sociais e mídias de massa, como consequência das formas intermediárias

13 *Encoding/Decoding* (1980) foi traduzido para o português por Ana Carolina Escosteguy e Francisco Rüdger e publicado em coletânea organizada por Liv Sovik (2003)

O uso do Twitter foi decisivo para que a cobertura dos episódios relativos à ocupação da polícia no Complexo do Alemão alcançasse visibilidade intermediática.

de audiência¹⁴. Esses novos centros não se contra-põem aos velhos centros de massa. Pelo contrário, a eles se acoplam e os potencializam pela dinâmica intermediática de conexão em rede.

Ao mesclar lógicas comunicacionais dissonantes, porém complementares, a intermedialidade não apenas mescla perspectivas diferenciadas de audiência como as potencializa mutuamente, uma vez que as características fundamentais de cada lógica se fortalecem quando a elas se acoplam as características fundamentais de outra. A audiência se torna, portanto, mais sofisticada, porém mais fragmentada e provisória, quando se hibridiza em contextos intermediáticos de comunicação, que integram mídias de massa a mídias sociais.

É o que se observa, por exemplo, nos episódios mencionados no começo deste texto. Quanto mais um tema alcança notoriedade em um conjunto de ambientes midiáticos, maiores serão suas chances de se tornarem notórios em um contexto midiático ainda mais amplo. Esse processo remete à noção de *intermedia agenda-setting* defendida por McCombs (2004). Segundo ele, esse seria um modelo horizontal de agenda-setting, no qual algumas agendas podem ser mais relevantes que outras dependendo do contexto e da situação. Assim, ele afirma, no âmbito da Internet pequenos grupos podem influenciar outros conjuntos de pequenos grupos e até a mídia de massa, dependendo da extensão da rede que se forma em torno de cada tema.

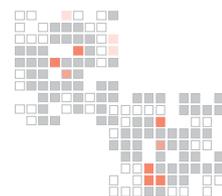
O uso do *Twitter* foi decisivo para que a cobertura dos episódios relativos à ocupação da polícia no Complexo do Alemão, feita por René, alcançasse visibilidade intermediática. À medida que alguns usuários com alta capacidade de propagação no

ambiente passaram a replicar, em tempo real, as informações postadas por René, mais e mais usuários tiveram acesso às mesmas informações e puderam também replicá-la em suas redes sociais. Como as corporações de mídia acompanhavam os episódios relativamente de longe, já que o acesso da imprensa ao local era restrito, René passou a ser uma espécie de “correspondente informal” por causa de sua proximidade ao lugar no qual acontecimentos se desenrolavam. As informações que ele postava no *Twitter*, potencializadas pela dinâmica intermediática da comunicação contemporânea, tiveram capacidade de agendar grandes corporações de mídia em todo o mundo. A enorme audiência que o pequeno jornal *Voz da Comunidade* teve no *Twitter* durante esse episódio exemplifica, portanto, o modo como a lógica das conexões favorece a permeabilidade entre processos verticalizados e horizontalizados de informação.

Gómez (2006) usa o neologismo *audienciação* para designar a transformação da audiência na passagem das massas à rede. No ecossistema comunicativo atual, segundo ele, a dinâmica da audiência é resultado de uma espiral de mediações que privilegia o critério transversal de segmentação midiática e a participação ativa dos atores sociais. Ele ressalta as diásporas e os nomadismos das audiências, que se encontram à deriva, sem um claro sentido de lugar.

Não há um claro sentido de lugar porque, diferentemente da tradicional audiência de massa, que pressupõe vinculação duradoura a certos ambientes midiáticos em detrimento de outros, a audiência intermediática é fragmentada, porosa e dispersa. Por outro lado, é potencializada pela dinâmica de interconexão em rede. É o que se verifica no caso René. Ele obteve audiência circunstancial

14 Em fevereiro de 2011 os três sites mais visitados no mundo, segundo o site Alexa (<http://www.alexa.com/>), são *Google*, *Facebook* e *YouTube*. Acesso: 14.Fev.2011.



Nota-se que a perspectiva quantitativa da comunicação de massa é potencializada pela perspectiva qualitativa da interlocução tecnicamente mediada, sendo também verdadeiro o raciocínio inverso.

no *Twitter* durante a ocupação do Complexo do Alemão pela polícia, um tipo de audiência que se caracteriza pelo nomadismo intermediático e não pela vinculação duradoura típica dos meios de massa. Mas, não fosse pela ressonância obtida em mídias de massa, o alcance social das informações postadas por René no *Twitter* seria bem menor; daí a especificidade da audiência intermediática contemporânea.

As audiências à deriva modelam também o movimento que resultou na renúncia do ditador egípcio. O movimento configurou-se por uma espiral de mediações intermediáticas, insuflada pela participação ativa dos atores sociais. Mas, para além da Praça Thair, que concentrava as manifestações públicas no Cairo, o movimento ganhou força nos interstícios da rede. Os acontecimentos foram relatados via *Twitter* pelos manifestantes e posteriormente replicados pelas corporações de mídia impedidas de cobrir os eventos. No contexto midiaticizado da sociedade contemporânea, a divulgação dos acontecimentos, segundo Thompson (2008), se torna cada vez mais difícil de ser controlada. Mesmo com a interdição da Internet, o *Twitter* foi viabilizado em um ato de ativismo político. Para Thompson (2008) a visibilidade mediada se tornou o fundamento pelo qual as lutas sociais e políticas são articuladas e se desenrolam. A lógica das conexões amplia a visibilidade das lutas sociais e políticas pela dinâmica intermediática, reconfigurando as esferas midiáticas de poder por intermédio do intercâmbio entre lógicas comunicacionais de transmissão e de compartilhamento. Não fosse por isso, talvez Mubarak não tivesse renunciado em 18 dias de protestos.

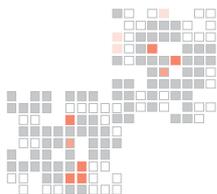
Questão semelhante se observa em relação à reação mundial dos *hackers* em retaliação à pri-

são de Julian Assange. Conforme a noção de *mass self communication* proposta por Castells (2009), o site *WikiLeaks* obteve grande audiência não por causa dos acessos diretos ao site mas porque adquiriu enorme poder de agendamento social ao ser utilizado como fonte para diversas corporações de mídia em todo o mundo e se tornar tema da conversação em diversas redes sociais. A audiência aqui é resultado da combinação entre aspectos quantitativos da recepção em ambientes de comunicação de massa e aspectos qualitativos da interlocução tecnicamente mediada, a qual expande as informações em redes sociais diversificadas e integradas por intermédio de ações isoladas e segmentadas. A audiência circunstancial, fragmentada e dispersa típica das redes sociais se complementa na audiência massificada das mídias tradicionais. Relacionadas intermediaticamente pela lógica das conexões, essas formas diferentes de audiência se hibridizam, potencializando-se mutuamente. Nota-se que a perspectiva quantitativa da comunicação de massa é potencializada pela perspectiva qualitativa da interlocução tecnicamente mediada, sendo também verdadeiro o raciocínio inverso. A miscigenação entre concepções lógicas de audiência ressoam a miscigenação dos formatos e dos gêneros discursivos na ambiência intermediática contemporânea. O hibridismo impera na rede intermídia.

5. Formatos emergentes

Os fluxos de informação que trafegam por ambientes intermediáticos contemporâneos não apenas se manifestam por intermédio de gêneros¹⁵ e for-

¹⁵ Toma-se aqui a noção de gênero como “força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar idéias, meios e recursos expressivos, suficientemente



matos¹⁶ miscigenados, como também se vinculam a localizações desviantes e transitórias nessa rede. Remetem, assim, à noção de heterotopia, que se relaciona à justaposição de espaços invertidos, lugares de passagem ou desvios, como navios, hotéis, cemitérios e hospitais psiquiátricos. Segundo Foucault (1967, online) a heterotopia “consegue sobrepor, num só espaço real, vários espaços que por si só seriam incompatíveis”. Esse parece ser o caso dos espaços voláteis e fluidos que constituem a rede intermídia contemporânea, nos quais os formatos se desenvolvem de modo sempre miscigenado e provisório.

Foucault (1967) relaciona sua noção de heterotopia àquilo que ele denomina heterocronia, ou seja, a temporalidade diversificada das heterotopias. Segundo Foucault as heterocronias simultaneamente se referem a heterotopias de rupturas temporais, como cemitérios; de acúmulo temporal, como os museus; e de fugacidade, como festivais. De modo análogo, as heterotopias da rede intermídia contemporânea devem se constituir de heterocronias de rupturas, como formatos que se desdobram, por exemplo, entre televisão e internet; de acúmulo, como os bancos de dados; e de fugacidade, como as atualizações constantes ou randômicas.

Densamente interconectados, os fluxos de informação que emergem desse cenário vinculam grupos sociais diversos. Os intercâmbios, porém, se dissolvem efemeramente nos interstícios da rede e, paradoxalmente, se perenizam nos bancos de dados. Assim, tornam-se acessíveis a qualquer momento, a qualquer um, diferentemente da oferta midiática tradicional, que é sempre instantânea.

O regime temporal das mediações que agenciam esses fluxos de informação é, portanto, relaciona-

estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras” (MACHADO, 2000, p. 68).

16 Formatos orientam os sentidos dos gêneros na medida em que “atendem à necessidade de uniformização de padrões, buscando constâncias de linguagens e de discurso” (ROSSINI, 2007, p. 187). Os formatos legitimam padrões e consolidam gêneros por meio da repetição.

do a um tempo diferido (WEISSBERG, 2004). Trata-se de um regime temporal ancorado em variabilidade de durações, uma vez que estas obedecem simultaneamente à lógica transmissiva, que prioriza a oferta e à lógica de compartilhamento, que prioriza a demanda.

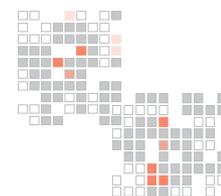
Relacionados a temporalidades cambiantes e a espaços desviantes, os novos formatos tendem a priorizar aspectos de linguagem condizentes com o desenvolvimento da web 2.0. Os novos formatos se transformam rapidamente e se miscigenam na ecologia midiática¹⁷.

Os formatos emergentes tendem a se referenciar mutuamente, constituindo uma rede de interações interconectadas que expande os fluxos de informação vertiginosamente. É o que se observa em contextos sociocomunicacionais densamente povoados, como *Facebook*, *YouTube* e *Twitter*, redes sociais que integram diversos ambientes por intermédio das interações sociotécnicas que abrigam. Esses formatos, cada vez mais, conectam-se a formatos oriundos da comunicação de massa, compondo um cenário híbrido, multifacetado e plural de audiência¹⁸.

A audiência intermediária contemporânea se configura, portanto, pela conectividade ampliada, espacialidade dispersa e temporalidade diferida. A combinação entre esses três aspectos permite compreender como o movimento social concretizado nas ruas do Cairo se expandiu intermediariamente. A instantaneidade do *Twitter* pautou as diferentes jornadas produtivas das mídias de massa e a conectividade ampliada entre espacialidades dispersas favoreceu o engajamento mundial

17 É ilustrativo desse cenário o formato blog, que varia em função da plataforma utilizada, como *Blogspot* ou *Wordpress*, por exemplo. Já o microblog é um formato no qual os usuários enviam atualizações remotas em textos de até 140 caracteres - compatível com o formato das mensagens de texto em celulares - e podem recebê-las via SMS, e-mail e RSS. Um dos servidores de microblog mais conhecidos é o *Twitter*, que é também uma rede social em vertiginoso crescimento.

18 Boa parte dos grandes veículos de comunicação hoje mantém espaços em redes sociais, como *Twitter* e *Facebook*.



ao movimento. Já a reação combativa dos *hackers* à prisão de Assange pode ser considerada uma forma peculiar de audiência modelada pela conectividade ampliada e talvez relacionada àquilo que Bruns (2008) chama de *produsage*. A proposta do *WikiLeaks*, legitimada por sua indicação ao Prêmio Nobel da Paz, certamente não teria a mesma relevância social se a lógica das conexões não favorecesse o trânsito intermediático de informações livremente produzidas.

O mesmo se pode dizer da dinâmica intermediária das informações postadas por René no *Twitter* sobre a tomada do Complexo do Alemão pela polícia. Nesse caso, porém, a dimensão circunstancial do acontecimento limitou-o à urgência do tempo real, compatível com a temporalidade do *Twitter*. Por outro lado, não fosse pelas condições intermediárias da audiência contemporânea, as informações postadas por René no *Twitter* não teriam circulado em espacialidades midiáticas dispersas, embora densamente interconectadas.

6. Considerações finais

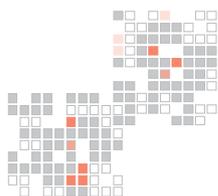
A dinâmica intermediária de comunicação favorece a diversificação das mediações e, conseqüentemente, a emergência de formas diferenciadas de audiência. Regida pela interseção entre lógicas comunicacionais dissonantes, porém complementares, a rede intermídia opera por compartilhamento e armazenamento público de informações. Desse modo, permite a vinculação entre ambientes midiáticos variados por meio dos processos interacionais que os integram.

Diferentemente da audiência de massa tradicional, que se articula somente em torno de aspectos quantitativos da recepção midiática, a tônica da audiência intermediária está na circulação com-

partilhada e em rede, a qual torna contingente e circunstancial os lugares lógicos da produção e da recepção. Mas, assim como a audiência de massa tradicional, a audiência intermediária configura-se quantitativamente. A diferença é que a quantidade se torna uma grandeza diretamente proporcional ao compartilhamento social e à participação ativa do usuário, em vez de ser, tal como era no contexto de massa, adesão indiscriminada a produtos midiáticos ofertados em larga escala.

Conectividade ampliada, espacialidade dispersa e temporalidade diferida são, portanto, aspectos que singularizam a audiência intermediária e a vinculam às condições contemporâneas da midiáticação. Estas levam em conta a interconexão entre aspectos relacionados à lógica participativa e à lógica transmissiva, que integra espacialidades midiáticas variadas e dispersas. Já a dinâmica temporal da audiência intermediária mescla a urgência do tempo real à disponibilidade dos bancos de dados. Não se trata apenas ao tempo presente, do “agora”, mas do modo como o “agora” se espalha pela rede por intermédio da ação de seus usuários e se torna permanentemente disponível para atualizações futuras.

É por isso que episódios como os protestos nas ruas do Cairo, a reação dos hackers à prisão de Assange e a cobertura jornalística de garotos do Complexo do Alemão são tão significativos para se compreender a dinâmica intermediária da audiência contemporânea. Esses episódios não apenas exemplificam o funcionamento da rede intermídia contemporânea, como demonstram que essa rede opera por tensão e deslocamento de poder. Talvez resida aí o mais importante aspecto da audiência intermediária: quem sabe não seria a audiência intermediária também uma forma de ativismo político em rede?



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, José Luís. *A sociedade enfrenta sua mídia – dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRUNS, Axel. *Blogs, Wikipedia, Second Life – from production to produsage*. Peter Lang Publishing: New York, 2008.
- CANCLINI, Nestor. *Diferentes, Desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- _____. *Cultura híbrida*. São Paulo: Edusp, 2004.
- CAPRA, Fritjof. Vivendo redes. In: DUARTE, Fábio; QUANDT, Carlos; SOUZA, Queila (orgs). *O tempo das redes*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CASTELLS, Manuel. *Communication Power*. Oxford: Oxford University Press, 2009
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia – vol. 1*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula – a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad. Attilio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *De outros espaços* (Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967). Disponível em: http://www.virose.pt/vector/periferia/foucault_pt.html. Acesso: 13.Agosto.2011.
- GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: Denis de Moraes (org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- HALL, Stuart. Encoding/Decoding. *Culture, Media, Language Working Papers in Cultural Studies, 1972-1979*. London: Hutchinson, 1980, Trad. Ana Escosteguy e Francisco Rüdger. In: SOVIK, Liv. (org). *Da diáspora – identidades e mediações culturais/Stuart Hall*. Trad. Adelaide La Guardia Resende...(et all). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HESS-LÜTCHEN, E. Multimedial communication: semiotic problems and its notation. In: HESS-LÜTECHEN (ed). *Multimedial communication*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1982.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blickstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1973.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2008.
- LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2000.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora Senac, 2000.
- MCCOMBS, Maxwell. *A teoria da agenda – a mídia e a opinião pública*. Trad.: Jacques A. Wainberg. Petrópolis, Vozes, 2004.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- NAUGHTON John. *Blogging and the emerging media ecosystem*, 2006. Disponível em: <http://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/fileadmin/documents/discussion/blogging.pdf> - Acesso: 09.Out.2008.
- ROSSINI, Miriam. Convergência tecnológica e os novos formatos híbridos de produtos audiovisuais. In: DUARTE, Elizabeth; CASTRO, Maria Lilia. *Comunicação audiovisual - gêneros e formatos*. Porto Alegre: Sulinas, 2007.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Razão Social, 1992.
- SCOLARI, Carlos. *La estética posthipertextual*, 2006. http://www.uvic.cat/fec/_fitxers/archivos_scolari/Scolari_Hiperliteratura2006.pdf. Acesso: 14. Fevereiro.2009.
- _____. Transmedia storytelling – implicit consumers, narrative words, and branding in contemporary media production. *International Journal of Communication* 3 (2009), 586-606.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- THOMPSON, John. A nova visibilidade. *Matrizes*. n. 2, Abril, 2008. Pp 15 – 38.
- WEISSBERG, Jean-Louis. Paradoxos da teleinformática. In: PARENTE, André (org). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- WENZ, Karen. As formas intermediárias em textos digitais. In: SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried (orgs). *Palavra e imagem nas mídias – um estudo intercultural*. Belém: Editora Universitária UFPA, 2008.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2003.

